

# A RADICALIDADE E A VIOLÊNCIA NA VIDA DOS DISCÍPULOS DE JESUS: UM ESTUDO BÍBLICO-TEOLÓGICO DE JOÃO 15,6

*RADICALITY AND VIOLENCE IN THE LIFE OF THE DISCIPLES OF JESUS: A BIBLE-  
THEOLOGICAL STUDY OF JOHN 15,6*

*Pedro da Silva Morais<sup>1</sup>*

**Resumo:** O discipulado é um dos temas centrais das narrativas de Jesus nos textos dos Evangelhos, uma vez que o seu propósito era formar autênticos discípulos com critérios e valores adequados. Nesse sentido, o presente artigo aborda o tema do discipulado a partir do Evangelho segundo João 15,6, sob a perspectiva de uma análise exegético-semântica dos textos deste versículo. Seu pressuposto básico é apresentar as condições exigentes, radicais e violentas para os que n'Ele creem e com Ele permanecem, como também as consequências para aqueles que O rejeitam. Aqueles que vivem a rejeição vivem a esterilidade, eles são como um ramo que, ao secar, é juntado, arremessado ao fogo e queimado. É a inutilidade que conduz ao desastre, à destruição. Porém, aqueles que permanecem em Jesus recebem a vitalidade, torna-se fecundo e produz muitos frutos.

**Palavras-chave:** Discipulado. Radicalidade. Violência. Evangelho segundo João.

**Abstract:** Discipleship is one of the central themes of the narratives of Jesus in the Gospel texts. Its purpose was to form authentic disciples with appropriate criteria and values. This article deals with the theme of discipleship from the Gospel of John 15:6 text, from the perspective of an exegetical – semantic analysis of the texts of this Gospel. Its basic assumption is to present the demanding conditions, radical and violent for those who believe in Him and with Him remain, as well as the consequences of those who reject Him. Those who live the rejection live the sterility, they are like a branch that, when it is dry, is joined, thrown to the fire and burned. It is the uselessness that leads to disaster, to destruction. But, those who abide in Jesus receive vitality, become fruitful, and bear much fruit.

**Keywords:** Discipleship. Radicalism. Violence. Gospel of John.

## 1. Introdução

O discipulado é um dos temas mais importantes da literatura bíblica, não só no Evangelho segundo João mas também nos Evangelhos Sinóticos. Somente há poucos

---

<sup>1</sup> É bacharel em Filosofia pela Faculdade São Bento de São Paulo (2012) e em Teologia pelo Centro Universitário Salesiano São Paulo – Pio XI (2010). Pesquisador na área de Exegese Bíblica, com ênfase nos Escritos de São João, é membro dos grupos de pesquisa em Leitura Pragmático-linguística das Sagradas Escrituras (LEPRALISE) e em Literatura Joanina (LIJO). Atualmente, é mestrando em Teologia Sistemática – Exegese Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, desenvolvendo sua pesquisa nos Escritos Joaninos. E-mail: pe.pedro@misericordia.com.br.

anos o tema do discipulado no Quarto Evangelho tem sido mais explorado pelos exegetas,<sup>2</sup> oferecendo contribuições significativas acerca deste tema.

O tema do discipulado no Quarto Evangelho tem um significado profundamente eclesial, sendo apresentado como uma vida de comunhão/unidade com Jesus. De acordo com a compreensão do conjunto de textos que compõe o evangelho, a existência da Igreja é resultado da comunhão dos que creem individualmente em Cristo. Pelo fato de Cristo ter tornado os que creem seus amigos e íntimos (15,14-15), a Igreja existe como comunhão dos amigos de Jesus, que, como tais, também são amigos entre si. Uma das passagens que podem ilustrar ainda mais este tema é o *mashal*<sup>3</sup> da videira e dos ramos em 15,1-8, que tem como tema a relação entre Jesus e os seus discípulos.<sup>4</sup>

O substantivo μαθητής (“discípulo”) representa aqueles que acreditaram em Jesus e O seguiram. O discípulo é aquele que foi rendido pelas palavras e sinais de Jesus, tendo sido chamado a testemunhar o que viu e ouviu (cf. 1Jo 1,1). Eles vivem em um ambiente de incredulidade e hostilidade,<sup>5</sup> em um contínuo confronto com os judeus e o mundo.<sup>6</sup>

Há nos textos do Quarto Evangelho um envolvimento que decorre da ação e da relação que existe entre Jesus e os discípulos, desde a menção dos seus nomes (1,42) até a descrição das suas atitudes para com o Mestre. É evidente a imagem do ambiente de oposições desenhado pelo autor sagrado, no qual Jesus propõe para os que O escutam uma decisão, uma adesão radical para o seu seguimento; de forma irredutível, a fé e a incredulidade tornam-se decisões. Não existe espaço para a predestinação que suprime a

---

<sup>2</sup> Segundo Zbigniew Grochowski, antes de tudo, precisamos expressar que até o final de 1970 o interesse pelo tema do discipulado em João era muito escasso entre os estudiosos deste Evangelho. In: GROCHOWSKI, Z. *Il Discepolo di Gesù nell'ora della prova (Gv 18-19): Luogo di rivelazione del Maestro*. Lublin: Wydawnictwo KUL, 2015, p. 25.

<sup>3</sup> O texto será mencionado neste estudo como um *mashal*, da maneira em que apresenta Raymond Brown (BROWN, R. E. *Giovanni*. Assisi: Cittadella Editrice, 1979, p. 813-820); sendo um *mashal*, seu objetivo é “o de avivar a percepção daquilo que é real em contraste com aquilo que se deseja [...], de forçar o ouvinte ou o leitor a fazer um juízo de si mesmo, de sua situação ou de sua conduta (cf. HAMILTON, V. P. *Mashal*. In: HARRIS, R. L.; ARCHER JR, G. L.; WALTKE, K. BRUCE [Ed.]. *Dicionário de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 890).

<sup>4</sup> Cf. RULOFF, J. *A Igreja no Novo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal/Centro de Estudos Bíblicos, 2005, p. 332.

<sup>5</sup> *Ibidem*, p. 26.

<sup>6</sup> Segundo Carreira das Neves, “a expressão tem dois significados: um social e outro negativo. Como grupo social, representa as pessoas da nação judaica. Em sentido negativo, são aqueles que não acreditam em Jesus, que concluem que Jesus é um blasfemo e que deve morrer. Portanto, este termo, quando usado por autor com conotação adversativa, não indica os judeus em geral. É necessário deixar claro que o autor do Evangelho não é um antijudaico. Sendo assim, o conjunto dos textos sugere que a sentença ‘os judeus’ indique um grupo no ambiente judaico que se opõe a Jesus e a seus discípulos, isto é, os líderes ou autoridades judaicas da época” (cf. CARREIRA DAS NEVES, J. *Escritos de São João*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2004, p. 178-181).

decisão responsável do homem. Jesus se revela para aqueles que acreditam que Ele é o enviado do Pai. Portanto, não dispensa a cooperação da decisão humana.

O verdadeiro discípulo de Jesus é definido pelo autor como aquele que ouve, vê, acredita, permanece com Jesus e segue-O, dando assim uma resposta à iniciativa divina. O discípulo é um dom do Pai para Jesus (6,39), e para segui-Lo é preciso ter fé, acreditar em suas palavras, decidir-se livremente, aderir voluntariamente, sem esquecer que “ninguém pode ir a Jesus se o Pai não o atrair” (6,44). O texto do Quarto Evangelho, sem dúvidas, apresenta o caminho do discipulado e uma profunda riqueza na sua teologia acerca do “seguimento de Jesus”.

Observando o conjunto da perícopa de 15,1-8, vê-se a preocupação do seu autor em sublinhar a relação de Jesus com o Pai e a dos discípulos com Jesus, amarrando toda a narrativa ao usar por sete vezes o verbo μένω (“permanecer”). Torna-se visível uma pequena estrutura concêntrica que apresenta as condições e as consequências do “permanecer” em Jesus, como também as consequências duras e radicais do “não permanecer” n’Ele. Os discípulos são inseridos no próprio Jesus, são um só com Ele. Segundo o simbolismo da videira, uma só videira constituída pela cepa e pelos ramos.<sup>7</sup>

Nesse sentido, este artigo tem o objetivo de fazer um pequeno ensaio exegético a partir do versículo 6 desta perícopa, que trata das consequências da não permanência dos discípulos em Jesus. Eis a proposta:

<b>Texto Grego</b>		<b>Tradução Literal</b>
ἐὰν μή τις μένη ἐν ἐμοί,	<b>6a</b>	Se alguém não permanecer em mim
ἐβλήθη ἔξω	<b>6b</b>	é arremessado fora
ὡς τὸ κλῆμα	<b>6c</b>	como o ramo
καὶ ἐξηράνθη,	<b>6d</b>	e secado
καὶ συνάγουσιν αὐτὰ	<b>6e</b>	e juntam eles
καὶ εἰς τὸ πῦρ βάλλουσιν,	<b>6f</b>	e para o fogo arremessam
καὶ καίεται.	<b>6g</b>	e é queimado

<sup>7</sup> Cf. CARREIRA DAS NEVES, J. *Escritos de São João*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2004, p. 233.

## **2. Alguns aspectos do discipulado no Quarto Evangelho**

No decorrer da leitura dos textos joaninos é perceptível que o seu autor possui gênero, estilo, temática e vocabulário próprios. Usa de um vocabulário simples, muitas vezes repetitivo, mas de grande vigor teológico marcado pela utilização de muitos elementos do Antigo Testamento.<sup>8</sup> Possui caráter altamente dramático, sobretudo no que se refere ao confronto de Jesus com os judeus, que reiteradamente o rejeitam: “Jesus veio para o que era seu, mas foi rejeitado pelo seu próprio povo” (cf. 1,11).

Em síntese, pode-se dizer que um dos objetivos do autor do Quarto Evangelho é confirmar na fé em Jesus, como Messias e Filho de Deus (20,30-31), os membros da sua comunidade. Jesus realiza “sinais” e Ele mesmo torna-se “sinal”, para, pela fé, reunir em torno d’Ele um círculo de discípulos, chamando-os a segui-Lo. Constrói, assim, uma relação pessoal com eles e, como mestre, ensina-os através de suas palavras e ações, convidando-os a uma escuta atenta e a uma percepção visual que os prepara para a missão.<sup>9</sup>

A revelação de Jesus acontece com um fim determinado: trazer os homens à luz da fé e conseqüentemente à salvação. Tal revelação suscita tanto a fé como a incredulidade, causando a divisão entre as pessoas do seu tempo. De um lado, estarão os seus discípulos e, do outro, os seus opositores. É o drama da crença e da descrença que percorre todo o Evangelho, até assumir uma radicalidade que conduzirá à morte do próprio revelador: Jesus.<sup>10</sup>

É exatamente apresentando o seu objetivo que o Quarto Evangelho é concluído com a frase: “Estes sinais foram escritos para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome” (20,31).

A fé vem caracterizada como uma adesão à pessoa de Jesus, como uma aceitação, um acolhimento, uma escuta dócil e um seguimento. Esta atitude é traduzida pelo verbo πιστεύειν (“crer”). Um “crer” que tem sentido ativo e dinâmico, uma atitude

---

<sup>8</sup> Cf. CULMANN, O. *Le Milieu Johannique*. Paris: Delachaux-Niestlé, 1976, p. 49-61.

<sup>9</sup> GROCHOWSKI, Z. *Il Discepolo de Gesù nell’ora della prova (Gv 18-19)*: Luogo di rivelazione del Maestro. Lublin: Wydawnictwo KUL, 2015, p. 27.

<sup>10</sup> O fio condutor do Evangelho é a constatação da dupla resposta possível: rejeição de uns e aceitação de outros. In: MARTÍN-MORENO, J. M. *Personajes del Cuarto Evangelio*. Madrid: Universidad Pontificia Comillas, 2001, p. 381.

de entrega e confiança que leva a amar a pessoa em quem se crê.<sup>11</sup> Não é uma fé teórica, mas uma fé vital que informa toda a vida do crente. É um “receber” Jesus (1,12; 5,43; 13,20), um “vir a Ele” (5,40; 6,35.44; 7,37), um “seguir” Jesus (8,12; 10,27); um “permanecer” n’Ele, em Sua palavra e em Seu amor (15,4; 8,31; 15,7.9).

Jesus se dirige aos seus, dizendo: “Vós sereis meus amigos – meus discípulos – se fizerdes o que eu vos mando” (15,14). O discípulo é amigo do mestre; não basta simplesmente viver um discipulado formal – um crer fantasiosamente no mestre. Jesus mesmo denunciou os falsos discípulos ou os falsos seguidores. Muitos se sentem atraídos a Ele só pelo mero proveito material dos Seus sinais. Outros ainda creem n’Ele mas não são capazes de confessá-Lo publicamente por medo dos fariseus, pois, como sentenciou o próprio Jesus, “amavam mais a glória dos homens do que a glória de Deus” (12,43).

Não se torna discípulo de Jesus aquele que o segue apenas fisicamente, afastando-se d’Ele quando acham duras algumas das Suas palavras (cf. 6,55ss). Desde o texto do prólogo, o homem é convidado a decidir-se entre a acolhida ou a rejeição: “Veio para o que era Seu, mas os Seus não O receberam. Mas a quantos O receberam, aos que crerem n’Ele, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus” (1,11-12). Os Seus discípulos se diferem dos demais homens, pois eles acolheram a luz e os demais a rejeitaram:

A salvação exige, da parte da pessoa, um ato consciente de decisão *pela fé em Jesus Cristo*. Ninguém nasce com fé. A salvação é, ao mesmo tempo, um ato do poder de Deus e um ato da responsabilidade humana. Pela parte que toca a Deus, Deus é sempre fiel em graça e verdade, mas, pela parte que toca ao homem, o homem pode falhar [...]. O Jesus Joânico afirma isto mesmo de uma maneira muito clara em 6,44-45: “Ninguém pode vir a mim se o Pai que me enviou o não atrair; e eu hei-de ressuscitá-lo no último dia. Está escrito nos profetas: *E todos serão ensinados por Deus*. Todo aquele que escutou o ensinamento que vem do Pai e o entendeu (*mathôn*) vem a mim”.<sup>12</sup>

O autêntico discípulo de Jesus se caracteriza, pois, por aceitar Sua palavra não só de maneira formal, mas efetivamente, ajustando a própria vida e comportamentos a ela, num compromisso de seguimento e entrega total no amor. Segundo Johan Konings,

---

<sup>11</sup> CABA, J. *Teologia Joanea*. Madrid: BAC, 2007, p. 171.

<sup>12</sup> CARREIRA DAS NEVES, Joaquim. *Escritos de São João*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2004, p. 94.

“aderir a Jesus é algo mais que entusiasmar-se com sua beleza e seu poder; é assimilar o escândalo da cruz, seguindo-o (12,26)”.<sup>13</sup>

No Evangelho segundo João, a disposição do discípulo de servir a Jesus inclui também a disposição de segui-Lo (12,26): ἐὰν ἐμοί τις διακονῆ, ἐμοὶ ἀκολουθεῖτω (“se alguém me quer servir, siga-me”). No lugar de “renunciar a si mesmo” e “carregar a cruz”, como condição para o seguimento no Evangelho segundo Marcos (cf. Mc 8,35), aparece em João o estar junto de Jesus e, ao servo fiel, o Pai o “honrará”. O discípulo é chamado a guardar a alma, a vida, “para a vida eterna” (12,25), em atitude de desprezo da vida corporal a favor da vida na fé, enquanto se está neste mundo.<sup>14</sup> Jesus é o garante da salvação dos homens (12,24.25.26.30.32), que atrai todos a Si (12,24.32).

Os seguidores de Jesus são apresentados como aqueles que creem, servem e seguem fielmente Jesus (12,26), participam da Sua glória e não verão a morte. Entregam-se por amor, tal qual o Filho Se entrega pelo mundo, pela nação, pelas ovelhas, pelos amigos e pelos Seus (15,13), como o Pai que entregou o Seu Filho único “para que todo o que nele crer não se perca, mas tenha a vida eterna” (3,16).

O texto do Quarto Evangelho usa o verbo πιστεύειν (“crer”) 98 vezes, em contrapartida ao não uso do substantivo “fé” (πίστις). Parece que o seu autor queria mostrar que a condição para viver o discipulado, o seguimento de Jesus, é acreditar, aderir aos ensinamentos do Mestre. Não se trata de uma fé abstrata, mas sim de uma fé concreta; uma fé que se centra na atitude prática do homem crente.<sup>15</sup> Assim sendo, pode-se afirmar que crer é uma atitude de adesão do discípulo a Jesus, que o convida a enxertar sua vida n’Ele, permanecendo com Ele na Sua Palavra (8,31-32) e no Seu Amor, numa atitude que gera fruto.

O texto proposto para este estudo (15,6) pertence ao conjunto da perícopa que une os versículos 1-8. Trata-se da “identidade do discípulo de Jesus”,<sup>16</sup> que se encontra no conjunto do Livro da Glória (13,1–20,31), tendo como ponto de partida a narração da ceia de despedida (13,1-38), seguida dos chamados “Discursos de Adeus” (14–17) e das narrativas da prisão, do julgamento, da paixão e da morte (20,1-29).

O texto de João 15,1-8 traz o *mashal* da videira moldurado por uma “simplicidade” sintática do grego, com um estilo de discurso que transmite um conteúdo impactante, objetivo e radical para os seguidores de Jesus. É notável o cuidado do autor

<sup>13</sup> Cf. KONINGS, Johan. *Evangelho segundo João: amor e fidelidade*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 113.

<sup>14</sup> Cf. BEUTLER, J. *Evangelho segundo João: comentários*. São Paulo: Loyola, 2016, p. 307.

<sup>15</sup> CABA, J. *Teologia Joanea*. Madrid: BAC, 2007, p. 145.

<sup>16</sup> LEON-DUFOUR, X. *Leitura do Evangelho segundo João*. São Paulo: Loyola, 1996, p. 109. v. III.

na elaboração do seu texto, apresentando uma coesão semântica e contextual no uso de imagens agrícolas ligadas ao cultivo da vinha<sup>17</sup> e no uso figurado de palavras semanticamente relacionadas, como “videira”, “ramos”, “poda” e “produção de frutos”. Portanto, uma escolha minuciosa dos termos e do modo de colocá-los no texto.

A perícopes da videira possui vocabulário comum com o texto do Evangelho segundo João, porém apresenta em seu conjunto características peculiares. O específico deste texto é o dinamismo da “videira” (ἄμπελος) com seus “ramos” (κλήμα), uma referência à relação de Jesus com Seus discípulos, a qual exige condições e tem consequências. Esse relacionamento entre a videira/Jesus e Seus ramos/discípulos é tecido no texto pelo verbo μένω (“habitar em”, “morar em”, “permanecer em”). O “permaneça em mim” (μείνατε ἐν ἐμοί) domina os versículos da perícopes de Jo 15,1-8,<sup>18</sup> indicando o caminho que os discípulos deverão percorrer.

O texto nos apresenta a “videira” (ἄμπελος) como um predicado metafórico que acompanha a afirmação que Jesus faz de Si mesmo (15,1a: Ἐγὼ εἰμι ἡ ἄμπελος ἡ ἀληθινή – “Eu sou a videira, a verdadeira”), somado ao adjetivo “verdadeira” (ἀληθινή), que qualifica o sujeito, distinguindo-o. Os seus “ramos” (κλήμα) representam os Seus discípulos (15,5: ἐγὼ εἰμι ἡ ἄμπελος, ὑμεῖς τὰ κλήματα – “Eu sou a videira, vós os ramos”), até sua plena produção. Esta é uma das fórmulas joaninas de revelação que exprime, de acordo com uma perspectiva sempre diferente, o que é Jesus com relação aos homens em sua missão de salvação.<sup>19</sup> Permanecer em Jesus (15,4: μείνατε ἐν ἐμοί – “Permaneça em mim”) é condição fundamental para ser verdadeiro discípulo e produzir muitos frutos. Se o discípulo permanece em Jesus, o Pai (15,1b: καὶ ὁ Πατήρ μου ὁ γεωργός ἐστιν – “E o meu Pai é o agricultor”) é glorificado (15,8: ἐν τούτῳ ἔδοξάσθη ὁ Πατήρ μου, ἵνα καρπὸν πολλὸν φέρητε καὶ γένησθε ἐμοὶ μαθηταί – “Nisto o meu Pai é glorificado, a fim de que produzais muito fruto e vos torneis meus discípulos”).

O texto de Jo 15,6 apresenta com objetividade algumas consequências para aqueles que não viverem enxertados em Jesus. A atitude de crer é “permanecer” (15,4), uma exigência da fé em Jesus e decisão fundamental diante daquele que Se autorrevela como a videira verdadeira: Ἐγὼ εἰμι ἡ ἄμπελος ἡ ἀληθινή – “Eu sou a videira, a verdadeira” (15,1).

---

<sup>17</sup> GUEDES, J. O. O. *A gênese do discípulo: uma relação semântica e teológica de Paulo e João a partir do estudo de Filipenses 3,1-16 e João 15,1-8*. São Paulo: Paulinas, 2015, p. 92.

<sup>18</sup> Cf. FOURIE, J. Indicators of the church in John’s metaphor of the vine. In: *Die Skriflig/In Luce Verbi* 47(1), (2013) Art. #540, 12 pages. <http://dx.doi.org/10.4102/ids.v47i1.540>, p. 2.

<sup>19</sup> LEON-DUFOUR, X. *Leitura do Evangelho segundo João*. São Paulo: Loyola, 1996, p. 114. v. III.

### 3. Condição de violência e radicalidade em Jo 15,6

No texto 15,6 o evangelista apresenta Jesus retomando a ideia do versículo 5, onde afirma categoricamente: “sem mim, nada podeis fazer” (χωρίς ἐμοῦ - sem mim) como a seguinte sentença: ἐὰν μὴ τις μένη ἐν ἐμοί (“se alguém não permanecer em mim”), explicando, assim, o verbo αἶρει (lit.: “tirar”; traduzido como “cortar”, “podar”) do versículo 2 numa sequência de cinco verbos, transformando a declaração positiva do versículo 5 em afirmações que apresentam as consequências negativas do não “permanecer” n’Ele. Com franca inflexibilidade, surge uma condição: ou o discípulo permanece na videira que é Jesus, tornando-se um ramo que produz muitos frutos, ou é arremessado para fora d’Ele e é queimado.<sup>20</sup>

O versículo 6a cria um período hipotético e um claro paralelismo antitético com o versículo 5c:

**5c:** ὁ μένων ἐν ἐμοί / (“o [que] permanece em mim”)

**6a:** ἐὰν μὴ τις μένη ἐν ἐμοί / (“se alguém não permanece em mim”).

Se o permanecer leva a produzir muito fruto, o não permanecer deveria ter uma consequência “lógica”: a não produção de frutos. O autor usa cinco verbos para expressar a consequência daquele que, ouvindo as palavras de Jesus, não permanece n’Ele. Essa condição é apresentada com dois aoristos passivos (ἐβλήθη e ἐξηράνθη – “é lançado” e “é secado”), dois presentes (συνάγουσιν e βάλλουσιν – “juntam” e “lançam”), sendo que o último é passivo (καίεται – “queimado”).<sup>21</sup>

O autor parece trazer a mesma imagem apresentada pelo profeta Ezequiel no texto de 15,1-8, quando apela para a metáfora da videira, advertindo que, se uma videira deixasse de produzir fruto, sua madeira só serviria para ser lançada ao fogo. Jesus

<sup>20</sup> CARSON, D. A. *O Comentário de João*. São Paulo: Shedd Publicações, 2007, p. 517.

<sup>21</sup> Alguns leem o aoristo como gnômico (um uso generalizante que afirma o que sempre acontece sob certas condições) ou proléptico (tratar com um tempo passado algo que acontece no futuro). Essas duas observações são em si mesmas corretas: é sempre verdadeiro que, se um ramo não permanece na videira, ele é jogado fora e seca; e, com relação ao fracasso de permanecer na videira, as ações de ser jogado fora e secar são necessariamente futuras. Mas nenhuma dessas soluções explica por que o tempo aoristo foi escolhido. Considera-se melhor, segundo a teoria aspectual do verbo grego, compreender que a característica essencial da forma aorista é a ideia de completude que o falante ou escritor deseja retratar: o ramo que não permanece na videira é jogado fora e seca – o julgamento é completo, decisivo. In: CARSON, D. A. *O Comentário de João*. São Paulo: Shedd Publicações, 2007, p. 517. O uso do verbo no aoristo significa uma “ação válida em todo o tempo”; não vale só para o presente, mas vale para sempre, ou seja, não há mais negação. Indica a inevitabilidade e a definitividade da ação ou estado. In: MATTEOS, J.; BARRETO, J. *O Evangelho de São João*. São Paulo: Paulus, 1999, p. 640-641.



assume a mesma atitude do profeta, advertindo seus contemporâneos do perigo iminente que correm, o que reforça o tema da substituição: Ele é o Israel fiel, Ele é a videira, a verdadeira. Na perspectiva do texto, “tanto a ameaça quanto a promessa ainda se aplicam aos judeus”.<sup>22</sup>

No versículo em estudo, o texto se inicia com uma frase de Jesus aos seus discípulos, usando a conjunção de condicionalidade *ἐάν*, unida ao advérbio de negação *μή*, e o pronome indefinido *τις*. Essa unidade gramatical cria hipótese em tom negativo, provocando o ouvinte – neste caso, os discípulos de Jesus – a uma tomada de decisão, consciente das consequências do permanecer, apresentado pelo versículo 5 da perícopie, e do não permanecer, apresentado no versículo 6. O autor insiste na decisão do discípulo sobre seguir ou não seguir, preocupando-se também em deixar claras as consequências do “sim” ou do “não” às propostas do sujeito do texto: Jesus.

Outro elemento textual é o uso da conjunção *καί* por quatro vezes, trazendo uma ideia clara de consecução nas ações, remarcando o caminho do fracasso dos discípulos que não aceitam permanecer, indicado no texto pelo encadeamento das ações verbais na sequência de *καί*.<sup>23</sup>

καὶ ἐξηράνθη,	<b>6d</b>	É secado
καὶ συνάγουσιν αὐτὰ	<b>6e</b>	E juntam eles
καὶ εἰς τὸ πῦρ βάλλουσιν,	<b>6f</b>	E para o fogo arremessam
καὶ καίεται.	<b>6g</b>	E é queimado

Há um desenvolvimento da ação de Jesus, sujeito da frase, até que o ramo é queimado. A ação dos verbos no aoristo nos leva a compreender que a consequência inevitável para o ramo é perene.

Entre metáfora e realidade, o que acontece com o ramo que não produz fruto acontecerá com aquele que não permanecer em Jesus. O sujeito que sofre a ação dos dois verbos passivos (*ἐβλήθη* e *ἐξηράνθη* – “é lançado” e “é secado”) torna-se objeto dos dois verbos impessoais (*συνάγουσιν* e *βάλλουσιν* – “juntam” e “jogam”) e, finalmente, sofre a última ação: “é queimado”.<sup>24</sup>

<sup>22</sup> CARSON, D. A. *O Comentário de João*. São Paulo: Shedd Publicações, 2007, p. 512.

<sup>23</sup> GUEDES, J. O. O. *A gênese do discípulo: uma relação semântica e teológica de Paulo e João a partir do estudo de Filipenses 3,1-16 e João 15,1-8*. São Paulo: Paulinas, 2015, p. 123.

<sup>24</sup> *Ibidem*, p. 123.

Na construção do texto, o autor acentua as cinco ações verbais numa sequência de repetições da conjunção *καί*, que transmite uma mensagem forte de juízo. Nota-se que a disposição sintática do texto mostra também uma intenção semântico-teológica.<sup>25</sup> Aquele que escolhe não permanecer na videira decide não se tornar discípulo. A recusa de permanecer em Jesus é a incredulidade, e conseqüentemente provoca o juízo. Os discípulos acreditarão, ao passo que os seus inimigos o rejeitarão. Porém, o mero fato de aceitar ou rejeitar implica já um juízo que supõe a salvação ou a condenação:

Jesus passa a considerar o caso contrário, a falta de resposta. O futuro daquele que sai da comunidade por falta de amor é “secar”, ou seja, a carência total de vida. Quem renuncia a amar renuncia a viver. A alegoria termina descrevendo a sorte dos sarmentos cortados; tornam-se um resíduo: *recolhem-nos, lançam-nos ao fogo e se queimam*. O final é a destruição. A morte em vida acaba na morte definitiva, oposta à vida definitiva daquele que assimila Jesus (6,54).<sup>26</sup>

### 3.1 O “fogo” – *πῦρ*

O Antigo Testamento usa profusamente o fogo como instrumento para indicar o juízo da ira divina,<sup>27</sup> atestando a inutilidade do que se consome.<sup>28</sup> O texto do profeta Ezequiel 15,1-8 usa o fogo como instrumento do juízo para a videira selvagem, sem frutos. Da videira se esperam frutos, uma vez que sua madeira é absolutamente imprestável, não serve para nada; por conseguinte, um só destino pode ter a videira estéril: o fogo e a destruição.<sup>29</sup>

Portanto, no entender do profeta Ezequiel, Israel, fora da relação fiel com o Senhor, cai na inutilidade. É fácil transportar este princípio hermenêutico para o texto do Quarto Evangelho sobre a videira. Ele mostra a inutilidade do ramo fora da videira:

---

<sup>25</sup> *Ibidem*, p. 124.

<sup>26</sup> MATTEOS, J.; BARRETO, J. *O Evangelho de São João*. São Paulo: Paulus, 1999, p. 645.

<sup>27</sup> Cf. Jr 4,4; 5,14; 21,12.36; 22,21.31; 38,19; Am 1,4.7.10.12.14; 2,2.5; Os 8,14; Ez 15,7; 16,41; 24,9; Sf 1,18; 3,8; Na 1,6; Sl 79,5; 89,47.

<sup>28</sup> Embora o fogo seja parte do simbolismo aqui associado com a videira, não pode haver muita dúvida de que o autor do Quarto Evangelho e seus leitores perceberam um destino semelhante para os próprios descrentes ou incrédulos. Cf. CARSON, D. A. *O Comentário de João*. São Paulo: Shedd Publicações, 2007, p. 518.

<sup>29</sup> O profeta Ezequiel aludia às depredações que os inimigos haviam infligido ao povo de Deus a partir de 722 a.C. (queda de Samaria) e que continuariam a infligir até arrasarem Jerusalém e levar para o exílio (587-538 a.C.) a maioria da população de Judá. A imagem retratava bem a realidade! Aquilo que dava significado à nação de Israel na antiguidade era unicamente a sua religião, baseada em monoteísmo muito puro, contrastante com a idolatria de outras nações. Quando, porém, o povo de Deus esquecia a sua fé e adotava cultos alheios, perdia todo o seu valor na história, pois belas artes, ciências e outros bens de culturas em Israel eram estritamente dependentes do que produziam os povos vizinhos. A justificativa da existência de Israel era a sua missão religiosa.

não serve para nada, senão para ser jogado no fogo (εις τὸ πῦρ βάλλουσιν ὅς).<sup>30</sup> A ação de Jesus não é uma punição eterna; tudo que está sendo dito é que o discípulo que deixa o seguimento d'Ele se torna inútil.<sup>31</sup>

Em todo o texto do Quarto Evangelho, o uso do substantivo πῦρ encontra-se somente neste versículo 6, que traz sentido de um juízo escatológico. Enfim, se os galhos não crescem, eles não vão dar frutos e conseqüentemente irão morrer. Percebe-se, então, que o contexto metafórico do texto apresenta um indicador de crescimento.<sup>32</sup> Todo o processo sofrido pelo ramo infrutífero é descrito neste versículo pelos verbos: ἐβλήθη (“lançado”), ἐξηράνθη (“secado”), συνάγουσιν (“juntam”), βάλλουσιν (“arremessam”), καίεται (“queimado”). A sequência dos verbos quer enfatizar a inevitabilidade e a integralidade da destruição daquele que não produz fruto.

A frase ἐβλήθη ἔξω ὡς τὸ κλήμα (“é lançado fora como o ramo”) evidencia a rejeição violenta, sem esperança, para os que não aceitam permanecer em Jesus, assim como o ramo enxertado na videira. O resultado é ἐξηράνθη (“secado”), perde-se a capacidade natural para a produção de frutos, e os ramos são destruídos. Sendo assim, o tratamento para aqueles que não produzem frutos é continuado no texto com o verbo συνάγουσιν (“Juntam”) e tem seu fim em καίεται (“queimado”).

O ramo que está na videira que produz bons frutos parece retomar a mesma alegoria do livro do profeta Isaías sobre as “uvas boas” (Is 5,2). O autor do Quarto Evangelho prevê a retirada dos ramos estéreis, não o corte da videira:

Estamos em um contexto metafórico, o que torna sempre devedoras de grande atenção as conclusões teológicas. Não é indiferente às escolhas de permanecer ou não em Jesus, de crer ou não nele. Se alguém (τις v. 6a) não permanecer, como (ὡς v. 6c) os ramos não produtivos não permanecem na videira, serão inúteis e inutilizados.<sup>33</sup>

#### **4. Discipulado: um seguimento de bons frutos**

Como vimos no início do texto, para o autor do Quarto Evangelho o μαθητής (discípulo) é caracterizado pelo “crer”, um fator teologicamente decisivo para o

---

<sup>30</sup> GUEDES, J. O. O. *A gênese do discípulo: uma relação semântica e teológica de Paulo e João a partir do estudo de Filipenses 3,1-16 e João 15,1-8*. São Paulo: Paulinas, 2015, p. 125.

<sup>31</sup> Cf. LINDARS, B. *The Gospel of John*. London: Oliphants, 1977, p. 489.

<sup>32</sup> Cf. FOURIE, J. Indicators of the church in John's metaphor of the vine. In: *Die Skriflig/In Luce Verbi* 47(1), (2013) Art. #540, 12 pages. <http://dx.doi.org/10.4102/ids.v47i1.540>, p. 2.

<sup>33</sup> GUEDES, J. O. O. *A gênese do discípulo: uma relação semântica e teológica de Paulo e João a partir do estudo de Filipenses 3,1-16 e João 15,1-8*. São Paulo: Paulinas, 2015, p. 125.

seguimento de Jesus. O ato de crer é o ponto definitivo para o discipulado. Nesta ação de crer estão inseridas todas as exigências para ser discípulo, numa firme decisão de assumir o destino do Mestre como próprio: “quem crê em mim” = discípulo (14,12). Crer em Jesus toma o lugar de seguir Jesus (8,12; 10,4.5.27). A decisão de crer ou não crer em Jesus é o momento do juízo. Crer é ter a vida eterna, que é o conhecimento de Jesus Cristo e daquele que O enviou.

Podemos ainda afirmar que o “seguir Jesus” significa profundo desapego interior do mundo hostil a Deus,<sup>34</sup> e é essencialmente um dom de Deus e não uma realização do homem.<sup>35</sup> Jesus está no centro da novidade de Deus para o ser humano.

Sendo assim, é notável que a cristologia do Quarto Evangelho cause uma reviravolta na eclesiologia. A figura da vinha atribuída ao povo de Israel no Antigo Testamento é substituída por Jesus, o Israel fiel. Carregando o sentido de que só é possível fazer parte da vinha do Senhor se se estiver enxertado na videira, em Jesus. Os ramos são os discípulos convidados a permanecerem n’Ele, pois foram purificados pela sua adesão ao λόγος encarnado (1,14).

## **5. Conclusão**

Sem dúvida, o discípulo de Jesus é alguém que tomou a decisão de seguir a Cristo e assumiu um compromisso de servi-Lo, de se submeter a Ele com fé e obediência. Compreende que necessita permanecer unido ao Mestre, como o ramo enxertado na videira. O autor do Quarto Evangelho, sem muitos esclarecimentos acerca do tema do discipulado, coloca o discípulo diante de Jesus, sem muitas explicações, num encontro que tudo transforma. Crer em Jesus é o suficiente para responder ao seguimento e assumir a vida eterna.

Desse modo, segui-Lo significará crer n’Ele, ter “comunhão” com Ele, ou somente permanecer n’Ele (15,6a: μένη ἐν ἐμοί – “Permanecer em mim”). Aquele que permanece em Jesus recebe a vitalidade para produzir muitos frutos, em uma vida fecunda no amor (13,35). No Evangelho segundo João, não há o abandono da tradição do antigo Israel, porém, novos conceitos são apresentados para definir o discípulo na nova realidade de relação com o Senhor glorificado. O autor deixa claro no texto do Evangelho que os discípulos não escolhem ou oferecem-se para o serviço do Mestre

---

<sup>34</sup> SCHULZ, A. *Discípulos do Senhor*. São Paulo: Paulinas, 1969, p. 94.

<sup>35</sup> *Ibidem*, p. 102.

Jesus, mas o próprio Jesus escolhe (15,16) aqueles que são atraídos pelo Pai (6,65), não com convites formais como nos evangelhos sinóticos, mas por meio de sinais para despertar a fé. E aqueles que acreditam tornam-se Seus discípulos e permanecem com Ele.

Por fim, à luz deste texto de João, vale salientar que todo cristão pode tornar-se na vinha/Igreja do Senhor um ramo inútil. Este pequeno ensaio exegético alerta-nos que a inutilidade leva nosso caminho de seguidores de Jesus ao desastre, ou seja, o ramo/discípulo sem fruto, sem vida transformada, dirige-se para a destruição.

## **6. Referências**

- BEUTLER, J. *Evangelho segundo João: comentários*. São Paulo: Loyola, 2016.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2003.
- BÍBLIA SACRA: Utriusque Testamenti. Editio Hebraica et Graeca. 27. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2001.
- BLASS, F.; DEBRUNNER, A. *Grammatica del Greco del Nuovo Testamento*. Brescia: Paideia, 1997.
- BOISMARD, M. E.; LAMOUILLE, A. *L'Évangile de Jean: Synopse des Quatre Évangiles en Français*. Paris: Cerf, 1977.
- BROWN, R. E. *A comunidade do discípulo amado*. São Paulo: Paulinas, 1981.
- \_\_\_\_\_. *Giovanni*. Assisi: Cittadella Editrice, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Introduzione al Vangelo di Giovanni*. Brescia: Queriniana Edizioni, 2007.
- \_\_\_\_\_. *The Gospel according to John*. New York: Doubleday & Company, 1970.
- BULTMANN, R. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2004.
- CABA, J. *Teologia Joanea*. Madrid: BAC, 2007.
- CARREIRA DAS NEVES, J. *Escritos de São João*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2004.
- CARSON, D. A. *O comentário de João*. São Paulo: Shedd Publicações, 2007.
- CULMANN, O. *Le Milieu Johannique*. Paris: Delachaux-Niestlé, 1976.
- FOURIE, J. Indicators of the church in John's metaphor of the vine. In: *Die Skriflig/In Luce Verbi* 47(1), (2013) Art. #540, 12 pages. <http://dx.doi.org/10.4102/ids.v47i1.540>.
- GROCHOWSKI, Z. *Il Discepolo de Gesù nell'ora della prova (Gv 18-19): Luogo di rivelazione del Maestro*. Wydawnictwo KUL: Lublin, 2015.
- GUEDES, J. O. O. *A gênese do discípulo: uma relação semântica e teológica de Paulo e João a partir do estudo de Filipenses 3,1-16 e João 15,1-8*. São Paulo: Paulinas, 2015.
- HARRIS, R. L.; ARCHER JR, G. L.; WALTKE, K. BRUCE [Ed.]. *Dicionário de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998.
- KONINGS, J. *Evangelho segundo João: amor e fidelidade*. São Paulo: Loyola, 2005.
- LANG, F. πῦρ. In: KITTEL, R. (org.). *Grande Lessico del Nuovo Testamento*. Brescia: Paideia, 1977. v. 11, col. 858.
- LEON-DUFOUR, X. *Leitura do Evangelho segundo João*. São Paulo: Loyola, 1996. v. III.
- LINDARS, B. *The Gospel of John*. London: Oliphants, 1977.
- MARTÍN-MORENO, J. M. *Personajes del Cuarto Evangelio*. Madrid: Universidad Pontificia Comillas, 2001.
- MATTEOS, J.; BARRETO, J. *O Evangelho de São João*. São Paulo: Paulus, 1999.

- \_\_\_\_\_. *Vocabulário teológico do Evangelho de São João*. São Paulo: Paulus, 1989.
- MOUNCE, W. D. *Léxico analítico grego do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2013.
- ROBINSON, E. *Léxico grego do Novo Testamento*. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.
- RULOFF, J. *A Igreja no Novo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal/Centro de Estudos Bíblicos, 2005.
- SANTOS, B. S. *Teologia do Evangelho de São João*. Aparecida: Santuário, 1994.
- SCHULZ, A. *Discípulos do Senhor*. São Paulo: Paulinas, 1969.
- SILVA, C. M. D. *Metodologia de exegese bíblica*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2000.
- WEDER, H. Disciple, discipleship. In: FREEDMAN, D. N. et al. (org.). *Anchor Bible Dictionary*. New York/London/Toronto/Sydney/Auckland: Doubleday, 1992. v. II.